

Dificuldade para os mais conservadores



TERESA
MARTINHO
TOLDY
Teóloga

Surpreendeu-me esta iniciativa do Papa. É algo que não acontecia desde o século XV na Igreja Católica. Bento XVI invocou motivos de saúde. Disse-o em comunicado que não se sente com forças para prosseguir. É um motivo real. Não sei se haverá outros. Ele saberá. Mas foi um passo muito importante. Diria que é um gesto moderno de um Papa pré-moderno. É um Papa, e também um teólogo, muito crítico da modernidade. Mas numa perspectiva pré-moderna. Porque todas as suas grande referências são, sobretudo, os grande teólogos medievais: Santo Agostinho, São Boaventura e outros. Mas o gesto é moderno porque um dos valores da modernidade é a autonomia do indivíduo. A sua decisão não é uma rebelião contra a missão que lhe foi atribuída. Mas é a decisão de um indivíduo autónomo, baseada no uso da sua razão — ele dirá esclarecida pela fé. É no uso da sua razão que decide pôr um fim à missão que supostamente seria para o resto da vida. Respeito que o papa João Paulo II tenha ficado até ao fim no seu ministério. Mas também considero muito respeitável a atitude deste Papa que diz já não estar em condições físicas de poder continuar, considerando que a sua missão deve ser cumprida por quem a pode cumprir. Acho isto extremamente lúcido. É um direito que o Papa tem. Não está a fazer nada contrário ao Direito Canónico. Mas há sectores muitos conservadores que elaboram toda uma mística à volta de uma missão na qual a pessoa se torna, e que poderão ter alguma dificuldade em compreender esta abordagem. Isto abre as portas a que se pense que conforme os bispos têm uma idade-limite para exercer o seu ministério, também o Papa a deve ter. E considero que se deveria ir ainda mais longe e impor-se da mesma forma uma idade-limite para a possibilidade de se ser eleito Papa.

Depoimento recolhido ao telefone por L. L.